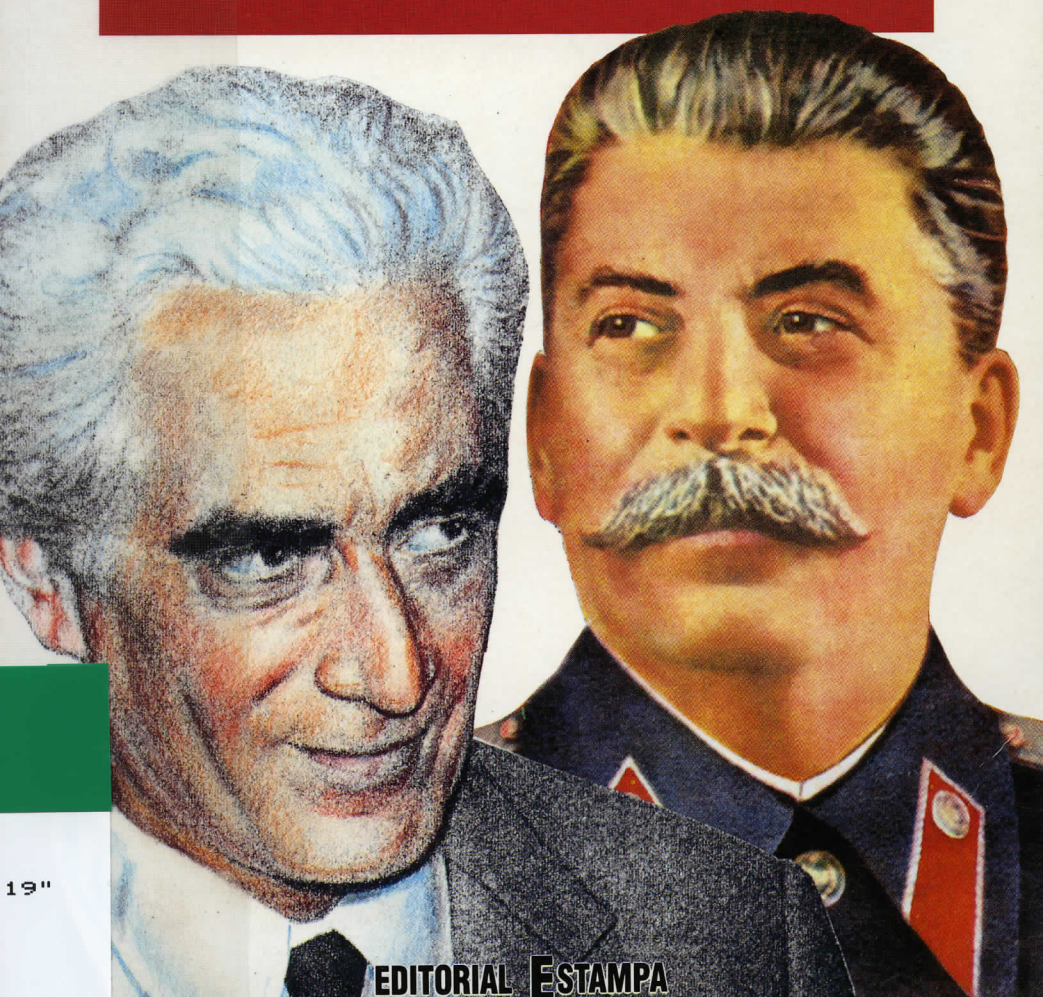


Histórias de **P**ortugal

João Madeira
Os Engenheiros
de Almas

O Partido Comunista e os Intelectuais



ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	11
INTRODUÇÃO	13
1. O objecto de trabalho	13
2. As unidades de observação e a sequência de análise ..	15
3. A crónica, o libelo e a História	16
4. Informação sobre fontes e bibliografia	21
5. Problemas de metodologia	27
PRIMEIRA PARTE	
INTELECTUAIS, SOCIEDADE E MARXISMO	
I – POLISSEMIA DE UM CONCEITO, HETEROGENEIDADE DE UM GRUPO	31
II – “UMA ELITE POLÍTICA COM UMA MISSÃO ESPECÍFICA”	35
III – “LEGITIMADORES DA IDEOLOGIA”	39
1. “Parte da causa geral do proletariado”	39
2. A filosofia da felicidade	49
IV – O “PEQUENO MUNDO ESTREITO” DOS INTELECTUAIS EM PORTUGAL	55

SEGUNDA PARTE

A DIFUSÃO DO MARXISMO-LENINISMO ENTRE OS INTELECTUAIS PORTUGUESES

I – A “ENCRUZILHADA DOS MUNDOS EM QUE NOS ENCONTRÁVAMOS”	75
1. “Tudo ia começar do zero”	75
2. “Que os intelectuais se deixem penetrar por um espírito novo”	84
3. “Despertar a alma colectiva das massas”	90
4. “Ir da ideia e da palavra para o movimento...”	95
II – “A GERAÇÃO PORTUGUESA QUE NASCEU ENQUANTO A EUROPA ARDIA”	101
1. “... um contacto permanente com a corrente viva da história”	101
2. “... estávamos verdadeiramente empenhados em salvar o mundo”	116
3. “Um problema de orientação”	122
4. “Os homens da minha têmpera nasceram para as grandes atitudes”	132

TERCEIRA PARTE

OS INTELECTUAIS COMUNISTAS

I – A REORGANIZAÇÃO DE 1940-41 E OS INTELECTUAIS	143
1. “Isto foi um núcleo que explodiu e levou o Partido para muito lado”	143
2. A “regra de ouro” e a mobilidade vertical dos intelectuais	153
3. “... numa intensa actividade clandestina ...”	165
4. “... ligar a zona clandestina à zona legal”	193
5. Ainda o confronto crítico entre materialistas e idealistas	210
6. O predomínio de uma elite de formação universitária	214

II – DAS “JUVENTUDES” AO MUDJ – “FORMANDO UMA FRENTE ÚNICA JUVENIL NA LUTA PELO PÃO E PELA CULTURA” ..	219
1. “... por um novo tipo de militante juvenil ...” ..	219
2. O MUDJ – “uma vasta organização juvenil de massas” ..	230
3. “... um desvirtuamento dos verdadeiros objectivos do MUD Juvenil” ..	238
III – SOB O SIGNO DA GUERRA-FRIA ..	243
1. “A luta do nosso Partido deve ser [...] conduzida em duas frentes” ..	243
2. Sectarismo e intransigência na política de quadros ..	250
3. A ruptura da unidade e a crise da oposição ..	262
IV – A POLÉMICA INTERNA DO NEO-REALISMO ..	277
1. “[...] que gritassem verdades como punhos” ..	277
2. Os engenheiros de almas e a “ponte abstracta” ..	291
3. “A filosofia presente era a ligação dos camponeses com a terra” ..	305
V – OS ANOS CINQUENTA E A CRISE DO MUD JUVENIL ..	315
1. Novas tarefas para uma organização em crise ..	315
2. “Somos como as ostras ...” ..	324
VI – DO “COMBATÊ AO SECTARISMO” À LUTA IDEOLÓGICA ...	333
1. “Aos intelectuais comunistas não tem chegado a voz do Partido” ..	333
2. “Sonhos, lendas e contagens aritméticas de votos” ..	351
3. Os intelectuais em ruptura – percursos e reagrupamentos ..	359
VII – UMA NOVA GERAÇÃO INTELECTUAL ..	365
1. Nova consciência de geração num país a mudar ..	365
2. Os intelectuais orgânicos e a crítica ao “desvio de direita” ..	371
CONCLUSÕES ..	381
FONTES E BIBLIOGRAFIA ..	389